

Cardeal Arns: "Povo da Rua é a lembrança do amor de Deus"

Todos sabemos do carinho que D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal de S. Paulo, sempre dedicou aos excluídos da sociedade. Em dezembro de 1993 criou o Vicariato do Povo da Rua, para que a Igreja estivesse mais atenta aos marginalizados. Neste número, ele envia uma mensagem especial aos moradores de rua.

"Meus amigos. O próprio Jesus revelou que Ele veio para que os excluídos pudessem ter uma vida mais normal. Pudessem ter tudo o que eles precisam para viverem como gente, serem respeitados e, também, poderem realizar os seus sonhos, como todas as pessoas gostam

de realizar. A Campanha da Fraternidade 95, sobre os excluídos, não vai procurar mudar a sua vida. São vocês que vão mudar o que acharem que não está certo com aquilo que Jesus ensinou, mas nós estamos ao seu lado e queremos ser amigos em todas as situações da sua existência. Por isso recebam bem aqueles que vos vêm falar da Campanha da Fraternidade porque eles vos vêm falar em nome de Jesus.

Nós, da Arquidiocese de S. Paulo, ao criarmos o Vicariato Episcopal do Povo da Rua, o meu primeiro sonho era fazer respeitar todos aqueles que trabalham em favor dos excluídos, ou seja, dos homens da rua. Nomeei a Monsenhor Júlio Lancellotti para que ele pudesse unir to-

dos os grupos que trabalham em favor do Povo da Rua, embora deixasse a cada grupo a liberdade de empregar os seus métodos, os seus recursos e, também, a sua convivência com o Povo da Rua.

O mais importante, para nós, é que eles sejam respeitados pela sociedade, façam parte da sociedade e possam exercer a sua cidadania, tanto dentro de S. Paulo como dentro da Igreja.

Somos todos filhos de Deus. Todos fomos feitos à imagem e semelhança de Deus e todos nós somos uma lembrança do amor de Deus aqui na terra. Vocês não esqueçam isto e, mesmo quando vocês estão nervosos uns com os outros ou descontentes com a vida, digam sempre: "Eu sou a lembrança do amor de Deus aqui em



D. Paulo, Arcebispo de S. Paulo

S. Paulo. Foi o próprio D. Paulo quem disse isso e disse-o para mim!"

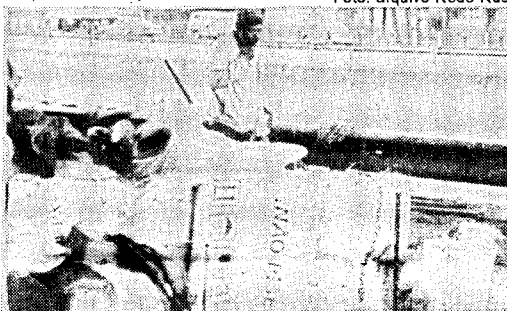
Portanto, eu abençoei a vocês em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e peço que Deus sempre os proteja e defenda de todas as dificuldades. Amém. Amém."

Absolvidos(as) ou condenados(as)?

Foto: arquivo Rede Rus

Pablo Richard é um teólogo chileno. Viveu os tempos difíceis da ditadura no Chile. Atualmente dirige um centro de formação em Costa Rica e viaja pela América Latina dando cursos de Bíblia.

Neste ano em que a Campanha da Fraternidade nos convida a refletirmos sobre os excluídos, Pablo Richard falou o tema com exclusividade para a Rede Rua. O texto que se segue faz parte do vídeo "Os excluídos" que a Rede Rua lançou no mês de janeiro.



dos, com Cristo mesmo fazemos. E o que não fazemos com os excluídos, com Cristo mesmo deixamos de fazer. Cristo chama todos esses excluídos de seus irmãos mais pequenos. Considera os pobres, os excluídos, como seus próprios irmãos.

Haverá muita surpresa, muita gente dirá: "Eras Tu, Senhor?!" Muitos se surpreendem de que Jesus se manifeste neste sem terra,

neste sem trabalho, neste descartável, nesta pessoa totalmente excluída. A surpresa será: "Eras Tu, Senhor?! Como não soubemos antes?" Mas aí está o Evangelho repetindo há mais de dois mil anos, nos está interpellando sobre essa presença de Cristo nos excluídos.

O pobre, o excluído, está fazendo hoje em dia o juízo fundamental de toda sociedade. Toda sociedade está sendo julgada profundamente por essa presença de Cristo nos mais pobres. É um juízo! Portanto, cada vez que encontrarmos a um excluído, a um sem-terra, esse pobre nos está julgando, está nos sentando no banco dos acusados. Esse pobre nos vai dizer: "Venha para este lado ou vá para o outro lado. És bendito ou és maldito! Entra para tomar posse do Reino ou sai fora com Satanás e seus anjos perversos, totalmente excluídos da felicidade Eterna." É esse pobre que nos está julgando, que julga os bancos, julga a Igreja, julga o mercado, julga os métodos técnicos de desenvolvimento da ciência.

Todo esse sistema deve ser submetido a juízo a partir dos excluídos e da presença de Cristo Jesus neles. Esse juízo fundamental que estamos vivendo em nossa história é agora, se nós descobrimos a Cristo nos sem-terra, nos pobres, nos excluídos. É a partir deles que podemos fazer o julgamento de toda a sociedade. O desafio positivo é lutar para que não haja excluídos. Se nos comprometermos realmente na Criação de uma sociedade onde todos tenham vida e vida em abundância, então escutaremos a voz de Jesus dizendo: "Venham benditos(as) de meu Pai. Entrem agora no Reino dos Céus."

PABLO RICHARD

Quer aprender a ler?



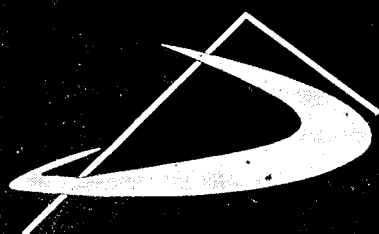
Estão abertas as inscrições para o Curso de Alfabetização do Cascudas Restaurante.

O curso deve começar em abril. Para mais informações dirigir-se a:

Cascudas Restaurante
Rua 9 de julho, 399-A
(Viaduto 9 de julho)

☎ 606-5537

APOIO:



PAULUS

Comunicação
a serviço da verdade

O Trecheiro

Rede Rua de Comunicação
Rua Monsenhor de Andrade, 281 -
Brás - 03008-000 - São Paulo - SP
☎ (011) 227-8683

Equipe de Redação:

Arlindo Pereira Dias, Alderon Costa,
Antônio Natário Gomes, Nelson Tyski,
Carlos F. Carvalho, Carlos L. Barbosa,
João Carlos Gomes, Luciney Martins,
Maria L. Maia

Fotografia:

Alderon P. da Costa e Arlindo Dias

Diagramação:

Antônio Natário

Revisão:

M^{te} Amélia C. F. Fernandes da Costa

Fotolito e impressão:

Diadema Jornal ☎ 445-4733

O que nos diz a Bíblia, a Palavra de Deus sobre os excluídos? Tomemos uma passagem do Evangelho de Mateus, que é muito conhecida, mas é bom recordá-la e interpretá-la num contexto de economia de livre mercado, moderna. Mt. 25, 31-46 nos fala do que normalmente chamamos juízo final, o que estaria no final dos tempos. Porém, prefiro chamá-lo juízo fundamental. Não o que estaria necessariamente só no final dos tempos. Mas o juízo fundamental atual.

Nossa sociedade está submetida a um juízo contínuo pelo Senhor. Em que consiste esse juízo? Esse juízo é o de Jesus. O juízo final é o juízo de Deus! É o juízo final da história e é Deus que o faz. Mas esse texto de Mateus é o juízo de Jesus, agora.

E como nos julga Jesus? Identificando-se com o pobre, o excluído. Ele diz no Evangelho que separará homens e mulheres a um lado e a outro lado. Aos que estão a um lado dirá: "Vinde benditos de meu Pai, tomem posse do Reino". Reino de Deus que se constrói agora sobre a terra. Quem vai entrar nesse Reino? Jesus disse: "Tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e vocês me deram de beber, era forasteiro e vocês me acolheram."

Hoje em dia forasteiros são esses desprezados, migrantes que têm que sair de sua casa e sua terra para buscar trabalho. "Andei sem roupa". Poderia dizer: "sem casa, sem terra, sem trabalho e vocês me assistiram, estava enfermo e me visitaram, na prisão e me foram ver". Jesus se faz presente nos excluídos, nos sem-terra, sem casa, nos que estão enfermos, famintos... A partir deste faminto nos interpela. Esse é o juízo fundamental. E tudo o que fazemos, diz o texto, com um desses excluí-

NOTÍCIAS DO POVO DA RUA

Casudas Restaurante

Foto: Alderon P. Costa



Ivone Gebara e amigos do Casudas Restaurante

O restaurante Casudas está ampliando sua cozinha e refeitório no intuito de melhor atender ao Povo da Rua. O projeto tem sido apoiado por várias entidades, entre elas a Congregação das Cônegas de Santo Agostinho. Durante o mês de janeiro o Restaurante recebeu visitas importantes como: Ir. Iolanda e Lúcia, de Manaus; Ir. Francisquinha e Marlene, do Juazeiro; Maria Paula, da Bélgica, e a teóloga brasileira Ivone Gebara.

Feira dos excluídos

No dia 20 de maio, vai se realizar a 1ª Feira dos Excluídos no Centro Pastoral São José do Belém, das 10 h às 21h.. O evento é organizado pelo MDF - Movimento de Defesa do Fayelado em colaboração com várias entidades que trabalham com os excluídos. O convite expressa bem o objetivo da feira: "Queremos mostrar o trabalho de diversas entidades na luta contra o processo de exploração e exclusão do povo marginalizado. O trabalho em comunidade revela talentos, fortalece a amizade e traz a alegria de construir juntos um ideal."

Semana Santa do Povo da Rua

O Vicariato Episcopal do Povo da Rua já iniciou os preparativos para a celebração da Semana Santa 95. As reuniões estão acontecendo na Comunidade dos "Sofredores de Rua", no Glicério.

A Campanha da Fraternidade deste ano, organizada pela Igreja do Brasil, tem por tema os excluídos. Será uma ótima oportunidade do Povo da Rua expressar a sua fé e seu protesto contra os desmandos e o desrespeito que vem sofrendo por parte do poder público.

Carnaval do Povo da Rua

Dia 24 de fevereiro, teve lugar, na Casa de Convivência do Brás, a festa de Carnaval do Povo da Rua. Foi um momento de muita animação, alegria e esperança.

"Ser ou não ser trecheiro" eis a questão

Apartir deste número *O Trecheiro* começa a reproduzir entrevistas com o Povo da Rua sobre o que significa ser trecheiro e, se de fato, se consideram trecheiros ou não. A palavra está dada a trecheiros e não trecheiros...

"Estou no trecho há uns quinze anos.

Fui para o trecho porque não dava certo eu morar com minha mãe.

Não sei se sou trecheiro. Eu sei que vivo na rua. Viajo, de vez em quando. Faço aquelas viagens doidas daqui para Mato Grosso. Daqui para Rondônia. Um pouco a pé. Outro pouco de carona e vou indo correndo meu trechinho.

Ser trecheiro é sofrimento, mas tem sua liberdade. Tem suas vantagens. O sofrimento é muito sim, mas tem a parte boa: a liberdade, o direito de viver... Com o tempo o trecheiro faz boas amizades! É só andar com as pessoas certas.

As dificuldades no trecho são muitas, é difícil dizer qual é a maior. Não tem alimentação. Outras vezes não tem onde dormir. Vais descansar num local, mas sempre tem polícia ou alguém incomodando."

ROBERTO GONÇALVES, 24 anos

"Estou na rua desde os treze anos.

Viver na rua é conhecer o mundo. Ver com os próprios olhos o que acontece por aí, ver a malandragem. A gente aprende uma lição no mundo aqui fora.

Eu vim para a rua porque em casa não dava certo com meu pai e minha mãe, tinha muito irmão, muita gente.

Não me considero trecheiro. Não sei o que é ser trecheiro!

A maior dificuldade, na rua, foi a fome e minha maior alegria é a minha liberdade."

ANDERSON DE OLIVEIRA,
18 anos - Guarulhos

"Estou há 10 anos no trecho, mas não me considero trecheiro. Sou um cidadão.

A maior dificuldade na rua é na hora de dormir e se alimentar. As dificuldades da

população da rua são ocasionadas pela falta de emprego no país.

Com fé em Deus eu vou sair do trecho.

Quero arrumar um serviço e alugar uma casa. No trecho tive poucos momentos de alegria.

Tive momentos bons e ruins na minha

vida. Os momentos bons foram quando curti festas com amigos - como hoje mesmo é meu aniversário eu estou falando com você. Hoje estou fazendo 21 anos."

DIOGO VILELA NASCIMENTO,

21 anos - S. Paulo

"Eu nunca tive alegria na rua. Mesmo antes, minha vida foi muito sofrida. E agora pior ainda. Só de ver meu filho desse tamanho sem poder dar educação a ele. Vou botar no colégio, pedem endereço fixo. A gente não tem. Até emprego, eu fui procurar e eles pedem endereço.

Meu filho tem sete anos. O que eu mais quero é colocá-lo na escola.

Pretendo sair da rua e estou lutando para isso. Quero trabalhar para alugar um quatinho. Saindo da rua já dou outra educação pro meu filho. Aqui nunca vai aprender nada de bom, no meio da rua."

MARIA REGINA

"Vim para S. Paulo há 10 anos. Pensei que a vida fosse assim como eu imaginava. Meu sonho era ver minha família conseguir algo na vida, para dar uma força pros meus pais e irmãos e me tornar uma pessoa.

Acho que trecheiro é uma pessoa que não tem destino, não tem lugar pra chegar, não tem lugar para cair. Onde ele chega é só calçada, matagal... Isso é vida de trecheiro.

Tenho 15 anos de trecho. Já viajei por Belém, Manaus, São Paulo, Goiânia, Pará, Marabá... Fiz muitos trabalhos em garimpo, sofri muito mas eu não aproveitei tudo o que Deus me deu na mão."

EDSON SOARES MAGALHÃES,
35 anos - Recife PE

"Sou do Rio de Janeiro. Vai fazer dois anos, vim procurar um trabalho em S.



Foto: Arlindo P. Dias

Osvaldo A. Monteiro falando ao Trecheiro

Paulo, mas, infelizmente, perdi meus documentos.

Me considero trecheiro porque o único lugar que posso ficar é na rua. Não posso pagar aluguel. Trecheiro é a pessoa que não tem condição.

Já fui até Belo-Horizonte, Barra do Pirai e São Paulo."

EDSON SILENO DA SILVA,

23 anos - Rio de Janeiro

recheiro é uma pessoa que não tem um lugar certo para ficar. Um dia está nessa cidade, outro dia está em outra.

Já corri São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás. Só encontrei aventura, fome, sacrifício... Temos muita dificuldade: a fome, polícia... Agora no Metrô você não pode nem tomar um copo de água que eles espancam você para sair de lá. Dormir na praça nem se fala! Eles botam você para correr... Se não fossem as comunidades para tomar banho, para lavar os pés, a gente seria escorraçado."

WAGNER DA SILVA,

30 anos - S. Paulo

"Fui para a rua porque fui obrigada. Não tinha condições de pagar aluguel, água... Tinha 4 filhos. Aí a Prefeitura chegou levou meu barraco.

Eu não sou trecheira. Já corri muito no mundo, mas não sou trecheira. Trecheira é aquela pessoa que está aqui, amanhã está ali...

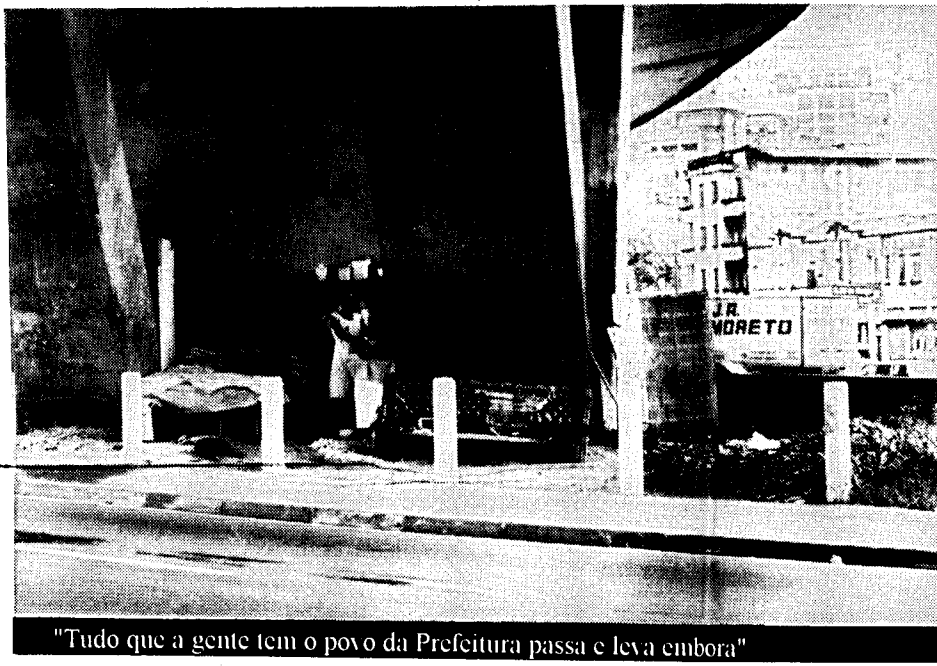
A maior dificuldade de hoje, é dormir aqui. Amanhã dormir ali. Não ter um lugar certo. O policial chega e mete o pé. A gente está dormindo sossegado, quietinho, num cantinho e eles chegam e metem o revólver. Mandam sair fora!"

RIITA PEREIRA, 53 anos - Santa Cruz

"A Polícia nos trata na base da pancada"

Foto: Arlindo P. Dias

Em suas andanças pelas ruas de *O Trecheiro* constatou que uma das coisas que mais tem incomodado o Povo da Rua é a "Operação Limpeza" que a Prefeitura de S. Paulo tem feito a cada 15 dias.



"Tudo que a gente tem o povo da Prefeitura passa e leva embora"

poucos pertences dos moradores de rua. Em reportagem a um importante jornal de S. Paulo, no ano passado, o administrador da Regional Sé, chegou ao absurdo de dizer que era para "manter limpo o local onde as pessoas da rua vivem."!!! Ao ser indagado sobre a comida que a Prefeitura levou, o mesmo administrador afirmou ser dever da Prefeitura cuidar para que não adoçam. Como se a solução fosse deixar o Povo da Rua morrer de fome.

João Ferreira da Silva, de Itaquera, diz não "ter como ganhar pão" pois os fiscais da Prefeitura o incomodam a todo momento. Roberto Gonçalves, de 24 anos, já teve experiências amargas em três níveis: Prefeitura, Polícia e sociedade. "A Polícia nos trata na base da pancada. Veja isto aqui no meu braço. Um homem estava estacionando. Pedi para cuidar do carro dele, ele me deu um chute e caí

por cima do braço. Veja o que aconteceu ontem (dia 13 de fevereiro) às 10:00 h da noite aqui embaixo do Viaduto do Parque D. Pedro. Fomos deitar embaixo do Viaduto por causa da chuva. A polícia chegou desacatando todo o mundo. Até queimou documentos. Já a Prefeitura até as lonas, que nós tínhamos, eles levaram. Vieram, cataram as lonas, documentos, roupas, colocaram no caminhão e foram embora." Anderson de Oliveira, 18 anos, de Guarulhos, confirma a versão de Roberto: "A polícia sempre incomoda sem a gente dever. Ontem ainda, estávamos dormindo no Viaduto e chegou o Batalhão de Choque, dando porrada em todo o mundo, sem a gente dever, sem fazer nada. Bateram nas meninas, queriam judiar das meninas. Isso não é autoridade, isso é errado!"

desabafou.

Edson Sileno da Silva, 23 anos, que convive com outro grupo de rua, faz a mesma constatação: "Tudo que a gente tem o povo da Prefeitura passa e leva embora. Se a gente falar alguma coisa arrisca-se a apanhar porque a polícia vem junto. Ainda nos mandam ir embora, mas como não temos

para onde ir, ficamos aqui mesmo. Eles passam de 15 em 15 dias, aos sábados. A gente não pode reclamar que apanha. O jeito é ficar quieto. Tinha que acabar com isso. Eles não têm esse direito. Se a gente está na rua é porque precisa de um canto."

Dona Rita Pereira, de 53 anos, que vive bem pertinho da Prefeitura, também tem amargado a mesma experiência: "O caminhão do prefeito, semana sim, semana não, passa e leva tudo. A gente trabalha catando papelão. A gente não rouba, graças a Deus, corre atrás de tudo para comer e para sobreviver. Então porque é que eles fazem isso com a gente?" Perguntada sobre que manchete gostaria de ver estampada no jornal, D. Rita não pestanejou: "Prefeitura, deixe o Povo da Rua em paz!"

NOTÍCIAS DO POVO DA RUA

114 famílias ameaçadas de despejo

O governo do Estado entrou com uma ação na Justiça afim de despejar 114 famílias que ocupam um conjunto de casarões na região central de SP. Os imóveis são tombados pelo Estado porque ali teria morado Santos Dumont. A Justiça deu até ao dia 26 de fevereiro para as famílias deixarem o local.

Entretanto, e após uma ação de protesto dos moradores, realizada no dia 16 na Secretaria da Criança e Bem-Estar Social, a secretária Marta Terezinha Godinho, prometeu adiar este despejo, pelo menos 90 dias e durante esse período buscar alternativas para estas famílias.

Os moradores estão sendo apoiados pelo Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos.

Aniversário da Fraternidade AIDS na Rua

Foto: Alderon P. Costa



Eucaristia no 1º aniversário da FAR

A Fraternidade AIDS na Rua celebrou, no dia 17 de fevereiro, a data oficial de seu primeiro aniversário. Na inauguração oficial, que aconteceu em 1994 na torre da igreja Bom Jesus, o Cardeal Arns esteve presente abençoando o projeto. Na realidade um grande grupo de religiosos(as) e leigos(as) já vinha atuando desde agosto de 93.

O primeiro aniversário foi festejado de maneira simples, entre agentes de pastoral e portadores do vírus do HIV através de uma eucaristia seguida de pequena confraternização. O grupo tem saído todas as quintas e sextas-feiras para visitas e orientação do Povo da Rua no que diz respeito à prevenção da AIDS.

Aniversário na Comunidade S. Martinho de Lima

A Comunidade de São Martinho de Lima do Povo da Rua festejou, no dia 22 de fevereiro, o seu quinto aniversário. Na comemoração foi celebrada uma missa em agradecimento pelos 5 anos de trabalho, seguida de um jantar e muita música. Esta Comunidade realiza seus trabalhos nos bairros do Viaduto Gândia - Lajara - esquina com a Rua L. L. L.

Pelas ruas da América Latina

A realidade das pessoas morando nas ruas está presente em toda a América Latina. É fruto da desigualdade da distribuição de renda em nossos países. Pe. Sony de Rivera, missionário filipino no Chile, esteve de visita ao Brasil. Andou pelas ruas de S. Paulo e falou a *O Trecheiro*.

"A realidade das ruas de Santiago, capital do Chile, me inquietou há muito tempo. Nas ruas de Santiago existem alguns moradores de rua, crianças e homens que lutam pela sobrevivência. Esse pessoal sempre foi marginalizado. Muitas pessoas que andam pelas ruas, se esquivam para não se encontrarem com eles

ou então dão a eles algum dinheiro para que se calem e os deixem tranquilos." Pe. Sony se pôs a perguntar: "Quem conversa com eles?"



Com quem falam durante o dia?" Foi então que resolveu reunir alguns alunos do Colégio Verbo Divino e sair pelas ruas durante a noite, levando um lanche e batendo um papo amigo com os moradores das ruas de Santiago. Segundo ele, isso tem feito com que os jovens voltem a suas famílias com outra visão e comuniquem a outros companheiros a experiência. "Pode ser uma gota de água caindo num mar imenso, mas pode-se dizer que o mar está com uma gota a mais" concluiu.

Foto: arquivo Rede Rua

Cardeal Arns: "Povo da Rua é a lembrança do amor de Deus"

Foto: Alderon P. Costa

Todos sabemos do carinho que D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal de S. Paulo, sempre dedicou aos excluídos da sociedade. Em dezembro de 1993 criou o Vicariato do Povo da Rua, para que a Igreja estivesse mais atenta aos marginalizados. Neste número, ele envia uma mensagem especial aos moradores de rua

Meus amigos. O próprio Jesus revelou que Ele veio para que os excluídos pudessem ter uma vida mais normal. Pudessem ter tudo o que eles precisam para viverem como gente, serem respeitados e, também, poderem realizar os seus sonhos, como todas as pessoas gostam

de realizar. A Campanha da Fraternidade 95, sobre os excluídos, não vai procurar mudar a sua vida. São vocês que vão mudar o que acharem que não está certo com aquilo que Jesus ensinou, mas nós estamos ao seu lado e queremos ser amigos em todas as situações da sua existência. Por isso recebam bem aqueles que vos vêm falar da Campanha da Fraternidade porque eles vos vêm falar em nome de Jesus.

Nós, da Arquidiocese de S. Paulo, ao criamos o Vicariato Episcopal do Povo da Rua, o meu primeiro sonho era fazer respeitar todos aqueles que trabalham em favor dos excluídos, ou seja, dos homens da rua. Nomeei a Monsenhor Júlio Lancellotti para que ele pudesse unir to-

dos os grupos que trabalham em favor do Povo da Rua, embora deixasse a cada grupo a liberdade de empregar os seus métodos, os seus recursos e, também, a sua convivência com o Povo da Rua.

O mais importante, para nós, é que eles sejam respeitados pela sociedade, façam parte da sociedade e possam exercer a sua cidadania, tanto dentro de S. Paulo como dentro da Igreja.

Somos todos filhos de Deus. Todos fomos feitos à imagem e semelhança de Deus e todos nós somos uma lembrança do amor de Deus aqui na terra. Vocês não esqueçam isto e, mesmo quando vocês estão nervosos uns com os outros ou descontentes com a vida, digam sempre: "Eu sou a lembrança do amor de Deus aqui em



D. Paulo, Arcebispo de S. Paulo

S. Paulo. Foi o próprio D. Paulo quem disse isso e disse-o para mim!"

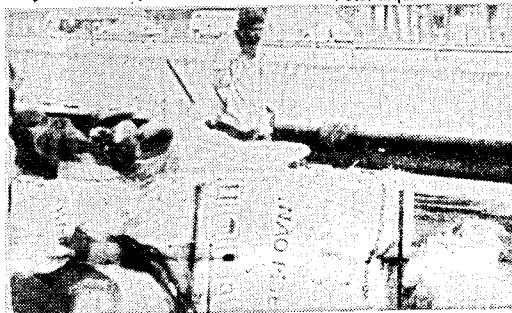
Portanto, eu abençoo a vocês em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e peço que Deus sempre os proteja e defenda de todas as dificuldades. Amém. Amém."

Absolvidos(as) ou condenados(as)?

Foto: arquivo Rede Rua

Pablo Richard é um teólogo chileno. Viveu os tempos difíceis da ditadura no Chile. Atualmente dirige um centro de formação em Costa Rica e viaja pela América Latina dando cursos de Bíblia.

Neste ano em que a Campanha da Fraternidade nos convida a refletirmos sobre os excluídos, Pablo Richard falou o tema com exclusividade para a Rede Rua. O texto que se segue faz parte do vídeo "Os excluídos" que a Rede Rua lançou no mês de janeiro.



O que nos diz a Bíblia, a Palavra de Deus sobre os excluídos? Tomemos uma passagem do Evangelho de Mateus, que é muito conhecida, mas é bom recordá-la e interpretá-la num contexto de economia de livre mercado, moderna. Mt. 25, 31-46 nos fala do que normalmente chamamos juízo final, o que estaria no final dos tempos. Porém, prefiro chamá-lo juízo fundamental. Não o que estaria necessariamente só no final dos tempos. Mas o juízo fundamental atual.

Nossa sociedade está submetida a um juízo contínuo pelo Senhor. Em que consiste esse juízo? Esse juízo é o de Jesus. O juízo final é o juízo de Deus! É o juízo final da história e é Deus que o faz. Mas esse texto de Mateus é o juízo de Jesus, agora.

E como nos julga Jesus? Identificando-se com o pobre, o excluído. Ele diz no Evangelho que separará homens e mulheres a um lado e a outro lado. Aos que estão a um lado dirá: "Vinde benditos de meu Pai, tomem posse do Reino". Reino de Deus que se constrói agora sobre a terra. Quem vai entrar nesse Reino? Jesus disse: "Tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e vocês me deram de beber, era forasteiro e vocês me acolheram."

Hoje em dia forasteiros são esses desprezados, migrantes que têm que sair de sua casa e sua terra para buscar trabalho. "Andei sem roupa". Poderia dizer: "sem casa, sem terra, sem trabalho e vocês me assistiram, estava enfermo e me visitaram, na prisão e me foram ver". Jesus se faz presente nos excluídos, nos sem-terra, sem casa, nos que estão enfermos, famintos... A partir deste faminto nos interpela. Esse é o juízo fundamental. E tudo o que fazemos, diz o texto, com um desses excluí-

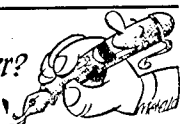
dos, com Cristo mesmo fazemos. E o que não fazemos com os excluídos, com Cristo mesmo deixamos de fazer. Cristo chama todos esses excluídos de seus irmãos mais pequenos. Considera os pobres, os excluídos, como seus próprios irmãos.

Haverá muita surpresa, muita gente dirá: "Eras Tu, Senhor?!" Muitos se surpreenderão de que Jesus se manifeste neste sem terra, neste sem trabalho, neste descartável, nesta pessoa totalmente excluída. A surpresa será: "Eras Tu, Senhor?! Como não soubemos antes?" Mas aí está o Evangelho repetindo há mais de dois mil anos, nos está interpe-lando sobre essa presença de Cristo nos excluídos.

O pobre, o excluído, está fazendo hoje em dia o juízo fundamental de toda sociedade. Toda sociedade está sendo julgada profundamente por essa presença de Cristo nos mais pobres. É um juízo! Portanto, cada vez que encontrarmos a um excluído, a um sem-terra, esse pobre nos está julgando, está nos sentando no banco dos acusados. Esse pobre nos vai dizer: "Venha para este lado ou vá para o outro lado. És bendito ou és maldito! Entra para tomar posse do Reino ou sai fora com Satanás e seus anjos perversos, totalmente excluídos da felicidade Eterna." É esse pobre que nos está julgando, que julga os bancos, julga a Igreja, julga o mercado, julga os métodos técnicos de desenvolvimento da ciência.

Todo esse sistema deve ser submetido a juízo a partir dos excluídos e da presença de Cristo Jesus neles. Esse juízo fundamental que estamos vivendo em nossa história é agora, se nós descobrirmos a Cristo nos sem-terra, nos pobres, nos excluídos. É a partir deles que podemos fazer o julgamento de toda a sociedade. O desafio positivo é lutar para que não haja excluídos. Se nos comprometermos realmente na Criação de uma sociedade onde todos tenham vida e vida em abundância, então escutaremos a voz de Jesus dizendo: "Venham benditos(as) de meu Pai. Entrem agora no Reino dos Céus."

PABLO RICHARD

Quer aprender a ler? 

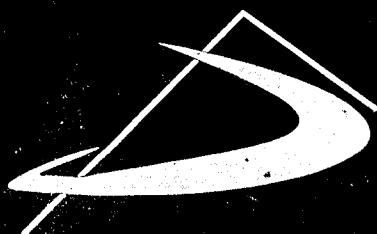
Estão abertas as inscrições para o Curso de Alfabetização do Cascudas Restaurante.

O curso deve começar em abril. Para mais informações dirigir-se a:

Cascudas Restaurante
Rua 9 de julho, 399-A
(Viaduto 9 de julho)

☎ 606-5537

APOIO:



PAULUS

**Comunicação
a serviço da verdade**

O Trecheiro

Rede Rua de Comunicação
Rua Monsenhor de Andrade, 281 -
Brás - 03008-000 - São Paulo - SP
☎ (011) 227-8683

Equipe de Redação:

Arlindo Pereira Dias, Alderon Costa,
Antônio Natário Gomes, Nelson Tyski,
Carlos F. Carvalho, Carlos L. Barbosa,
João Carlos Gomes, Luciney Martins,
Maria L. Maia

Fotografia:

Alderon P. da Costa e Arlindo Dias

Diagramação:

Antônio Natário

Revisão:

M^{te} Amélia C. F. Fernandes da Costa

Fotolito e impressão:

Diadema Jomal ☎ 445-4733